

## VIVENDO EM UM ENTRELUGAR: UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS ÍTALO-BRASILEIROS NA ITÁLIA

*Luis Fernando Beneduzi  
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul  
Universidade Ca' Foscari de Veneza*

No Sul do Brasil, observou-se um tipo específico de fenômeno imigratório, vinculado a um projeto Imperial de ocupação territorial (o “vazio” da fronteira) – está-se falando do último quartel do século XIX – e de branqueamento. Essa política conduziu uma parcela da imigração nacional para zonas “despovoadas” do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Efetivamente, eram zonas muitas vezes ocupadas por populações indígenas, que estavam fora do planejamento estatal de ocupação produtiva desses territórios. No entanto, as necessidades de consolidação da fronteira nacional, com a criação de núcleos de povoamento, não considerava a população autóctone, não branca, como elemento numericamente relevante. Para a política do Estado brasileiro, esses grupos não contribuíam para o desenvolvimento físico e moral dos cidadãos, diferentemente dos europeus, que eram vistos como elementos importantes para uma qualificação da população nacional.

De qualquer forma, o território para onde esses grupos de imigrantes europeus foram enviados encontrava-se distante dos centros habitados pela população branca local e com escassas vias de comunicação. Primeiro, os alemães e, posteriormente, os italianos foram construindo pequenas comunidades marcadas arquitetonicamente e linguisticamente pela terra de partida. Como informavam os primeiros topônimos (Nova Vicenza, Nova Treviso, Nova Trento, Nova Milano), em solo brasileiro estavam sendo reproduzidos os espaços deixados do outro lado do oceano. Mesmo o espaço religioso, de grande relevância no contexto da imigração italiana, era marcado pela eleição de santos que lembravam as igrejas deixadas na Península Itálica: os conflitos para a escolha dos santos paroquiais e o uso de dois ou três personagens sacros como padroeiros de uma mesma localidade são emblemáticos dessa relevância.

Na verdade, não se está dizendo que existe um projeto de reprodução da terra de proveniência, mas o uso – em uma dinâmica de “cartografização” do espaço e domesticação da natureza – dos elementos que foram trazidos na bagagem interior, assim como as malas com roupas e objetos que vieram no navio com os imigrantes. Ou seja, na nova terra, utilizando-se de elementos que eram parte do seu cotidiano na terra de proveniência, esses imigrantes foram criando uma representação de italianidade, que se foi consolidando nas experiências de comemoração étnica – como nos cinquenta, cem ou cento e vinte e cinco anos da imigração – ou no olhar do outro, o nacional, que, pouco a pouco, entrou em contato com esse grupo de estrangeiros (BENEDUZI, 2011).

Um caso exemplar desse processo de cartografização do espaço ocupado na terra de chegada, além das capelas, é constituído pelos “capitéis” – em dialeto vêneto, *capitelo/i*. O termo dialetal, que foi aportuguesado nas zonas de imigração lombardo-vênetas, no Sul do Brasil, está relacionado a pequenos oratórios, em forma de coluna, com imagens sacras, normalmente vinculadas à devoção de uma família ou de um conjunto de famílias. Lugar de encontro para a oração individual ou coletiva, essas estruturas arquitetônicas foram espalhando-se junto com os imigrantes, desenhando uma nova paisagem, característica da imigração. Com isso, o conhecido começava a povoar o desconhecido, criando uma ordem que recordava ou que buscava trazer à memória, a experiência vivida na terra de partida.

Cabe notar ainda que essas zonas de imigração italiana nas últimas duas décadas do século XX e nesta primeira do XXI têm experimentado um renascer étnico muito forte e a busca de reatar contatos e vínculos com a terra de proveniência dos antigos imigrantes. Prova disso são as inúmeras festas étnicas e os processos de *gemellaggio* (cidades irmãs) que envolvem tantos Municípios das antigas colônias imperiais dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Se, por um lado, esse movimento expressa um fenômeno econômico marcado pelo turismo étnico e pelo consumo de uma produção étnica (CAPPELLIN; PACE; GIULIANI; BRANDALISE, 2010), por outro, reflete – nas diferentes festas que celebram a memória dos antepassados ou na reconstrução de histórias familiares – uma busca afetiva da reconstrução do passado familiar e grupal: procura-se retecer um vínculo com a terra de partida dos ancestrais, um *continuum* histórico que entrecruza passado e

presente (ZANINI, 2006). Nessa nova realidade, os vestígios do passado, como as diferentes edificações, transformam-se num elo mnemônico para assegurar uma ligação entre os descendentes que vivem o presente e os seus antepassados que, deixando a Itália, ocuparam aquelas Regiões.

Mesmo que de maneira breve, compreender essa experiência específica do fenômeno imigratório italiano no Sul do Brasil é fundamental para melhor entender o processo contemporâneo de “retorno” à Península Itálica. Como afirma Sayad, o imigrante é sempre um emigrante, ou seja, leva consigo um conjunto de relações e de concepções que estão ligadas às suas vivências no país de emigração (SAYAD, 2002). Nesse sentido, não se podem pensar as percepções da terra de chegada e as relações que com ela e nela se estabelecem sem levar em consideração o espaço social e cultural onde essa leitura nasce, ou seja, a terra de partida.

Portanto, de diferentes formas essas representações do passado que foram sendo elaboradas antes da partida desses imigrantes – agora no final do século XX e início do XXI – vão estar presentes na decifração do novo espaço de imigração: o Norte da Itália, Região de proveniência dos “antigos” imigrantes do século XIX, vai ser visto – pelos descendentes que ali chegam – com as lentes/óculos que produzem significado a partir de imagens construídas durante mais de 125 anos de experiência imigratória no Brasil. O sentimento que se apresenta para além do verdadeiro e do falso, do real ou do imaginado, estrutura-se dentro de uma percepção de um tempo que não passou, de um *continuum* temporal que entrelaça passado e presente, assim como os imigrantes e seus descendentes.

A ideia de retorno com a qual se está trabalhando não é pensada enquanto experiência física de volta ao lugar de onde se partiu, mas enquanto algo que pertence ao mundo da sensibilidade e do imaginário, o regresso a um país jamais visto fisicamente, porém conhecido na narrativa familiar e grupal. A interiorização do processo imigratório como algo que adentra o âmbito familiar e se transforma num fato continuado é imagem que constrói essa noção. Ou seja, o lugar não visto é vivido pela memória que sobre ele foi construída nas narrativas intrafamiliares, nas festas étnicas ou nas falas dos memorialistas da imigração.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir o processo de leitura dessa experiência de retorno à terra dos antepassados, a partir das percepções observadas num confronto entre

o espaço imaginado – construído na fase de preparação da partida – e aquele vivencial, quando do contato físico com o lugar mnemônico, neste caso, a província de Trento. Para encaminhar essa análise, utilizar-se-á um cruzamento entre narrativa de vida e história temática de uma descendente de trentinos, natural do Paraná (com um forte contato com a zona de imigração italiana do Norte Santa Catarina, terra de nascimento de seu pai), que hoje está vivendo na cidade de Trento (província de onde partiram seus antepassados paternos).

Antes, no entanto, de dar início à apresentação do nosso “guia” nessa viagem entre o trentino imaginado e aquele vivido, é necessário fazer algumas considerações teórico-metodológicas sobre o lugar da entrevista enquanto espaço de produção do passado. Na verdade, é importante ter presente que o momento em que se estabelece o diálogo entre o pesquisador e seu colaborador, não somente o passado se está dando a conhecer como fragmento do acontecido, mas, também, um processo narrativo complexo é estruturado. É no ato de relatar o vivido que as experiências se entrecruzam, oferecendo uma linearidade e uma fluidez ao próprio passado; aí, as recordações fragmentadas adquirem uma lógica em que o individual e o coletivo se fazem presentes. Dessa maneira, pode-se ainda perceber esse influxo de uma memória coletiva que se apresenta em constante interação com aquela individual, produzindo quadros de memória (HALBWACHS, 1994) sobre o passado do grupo no Brasil e sobre a experiência enquanto descendente que “volta para casa”.

Para a presente análise, deve-se considerar, também, que a entrevista é parte de um momento do vivido e que esse presente é peça fundamental no processo de reconstrução da trajetória do entrevistado. Dessa forma, a narrativa é marcada pelos sucessos ou pelos malogros experimentados nessa busca de um retorno à terra dos antepassados. Para tal fim, como se verá mais adiante, é condição necessária para uma melhor compreensão do encontro entre “espaço imaginado” e “espaço vivido” a análise do contexto de vida do entrevistado, as relações que ele estabeleceu com a terra de acolhida, a sua situação socioeconômica. Todas essas questões permitirão uma leitura mais adequada sobre os modos como o imigrante irá ler e reconstruir sua trajetória de imigração e como ele vai avaliar o seu projeto imigratório.

Tendo sido feitas as considerações tanto sobre o contexto de partida da imigração quanto sobre os cuidados necessários na

produção e análise da entrevista, chegou o momento de apresentar o nosso “guia”, aquele que vai nos conduzir por essa viagem de retorno: Paola – nome que se usará com pseudônimo para a entrevistada – tem 26 anos, é casada com um brasileiro e chegou a Trento em 2010. Ela tem formação universitária, obtida na Universidade Federal de Santa Catarina, em italiano. Na realidade, a própria escolha do curso de graduação, por parte de Paola, já fazia parte de seu projeto, acalentado havia alguns anos, de vir morar na terra de seu tataravô.

A família de Paola é parte daquele grupo de descendentes dos imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX; em seu caso, está-se falando especificamente daqueles que rumaram para Santa Catarina, no Nordeste do Estado. O caso de Paola, e isso ficará muito claro na sua narrativa, é parte de um duplo processo de imigração, pois do espaço onde se instalaram seus antepassados, em Santa Catarina, seus pais partiram para o Paraná, em uma zona composta por outros grupos étnicos de imigrantes. Pode-se dizer que ela irá viver desde a infância esse espaço enquanto lugar de estranhamento e, como ela mesma diz, provavelmente a distância da zona de imigração italiana, onde permaneceu a maior parte de sua família paterna, irá aumentar nela o desejo de tudo o que significava italianidade.

Atualmente, Paola está vivendo em Trento, no alojamento da Universidade, com seu marido, pois ela faz parte de um programa de bolsas da Província Autônoma de Trento para os descendentes de trentinos. Portanto, além de frequentar a Universidade, onde está fazendo um curso de pós-graduação (assim como seu esposo), ela recebe um subsídio mensal para as suas despesas. Ou seja, não podemos enquadrá-la na clássica imagem do imigrante que parte em busca da sobrevivência, muitas vezes com baixa escolaridade e escasso conhecimento da cultura da terra de acolhida. Pelo contrário, a entrevistada tem um bom conhecimento da língua italiana e se encontra numa situação estável, inclusive sob o ponto de vista legal, pois tem a cidadania italiana.

A partida de Paola, no entanto, não foi uma decisão do momento, mas se trata dum objetivo que começa a ser perseguido no ano de 2001, quando ela ainda tinha 15 anos. Tendo tomado conhecimento, pela internet, do programa de bolsas para os descendentes de trentinos, e desejando conhecer a terra de seus antepassados e se mudar definitivamente para lá, ela começou a construir um percurso formativo que a levasse, depois da graduação,

para Trento, pois essa viagem se tornou uma ideia fixa para ela. Informou-se sobre os requisitos para a bolsa, começou a tomar contato com a língua e com a cultura italiana, deu entrada com o seu processo de cidadania, enfim, cuidou de tudo aquilo que era necessário para que o seu projeto fosse bem-sucedido.

É emblemática, para compreender o seu desejo de conhecer a terra e a cultura de seus antepassados, sua iniciativa de frequentar, em 2003, um curso de “Mecânica Polivalente”, na área de madeira e metal, ou seja, algo completamente fora de seus interesses específicos. No entanto, esse curso era oferecido, em Santa Catarina, pela Província de *Belluno* (entenda-se, Itália), com professores italianos, com algumas horas de ensino da língua italiana também. Efetivamente, foi essa ideia de vínculo com a Itália que o curso oferecia que fez com que ela se inscrevesse, frequentasse as aulas e desse o pontapé inicial para a realização de seu projeto:

eu disse, olha, não me interessa. Eu não sabia nem o que era, mas disse poxa, o governo da Itália está financiando pra descendentes de italianos no geral. Aí eu fui lá, tinha seleção porque eram 20 vagas. Me esforcei, fui lá, consegui, passei em primeiro na seleção. Feliz da vida. Fiz essa experiência. Também foi forte, porque foi a primeira vez que eu tive contato com italianos da Itália. Alguns professores que foram lá, assim, dar duas, três aulas. Até de italiano mesmo, porque nós tivemos um pequeno curso de 60/70 horas de língua italiana. E acho que aquilo ali selou mesmo a minha vontade<sup>62</sup>.

Na sua fala, além de seu desejo de conhecer aquilo que se referia à terra de seus antepassados, percebem-se alguns elementos que enfatizam a sua compreensão de italianidade e como a leitura da terra de partida de seu tataravô está marcada pelo processo de construção de uma ideia de identidade italiana (ou de múltiplas representações sobre ela) no Brasil. Como Paola disse, o curso permitiu-lhe ter contato com “italianos da Itália”. Em um primeiro momento, isso pode parecer uma forma de redundância; no entanto, se levarmos em conta o contexto de produção da cultura imigrante, esse reforço designa a ideia de diferentes formas de pertencimento à identidade étnica.

---

<sup>62</sup> CTN. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2012, em Trento (TN). Arquivo Pessoal do Pesquisador.

A rigor, ela afirma duas coisas nesse jogo de palavras: que os descendentes são italianos (mesmo sendo brasileiros) e que esses italianos são diferentes daqueles da Península. Ela traz à luz a famosa identidade hifenizada, que compõe a lógica de um indivíduo que se constrói e se percebe num duplo pertencimento possível, num contexto imigratório e de dupla cidadania, que considera duas realidades: o *jus sanguinis* (italiano) e o *jus solis* (brasileiro).

Ao mesmo tempo, ela reproduz uma fala comum nas zonas de imigração, considerando que esse tipo de identificação – aquela pessoa é um italiano da Itália – é muito comum como forma de distinção. De certa maneira, ela compartilha um imaginário coletivo sobre a terra de partida dos imigrantes e o tipo de cultura que eles construíram no extremo-ocidente europeu. Para os descendentes que enxergam no autóctone o brasileiro, que se autorrepresentam como italianos, que definem os descendentes das diferentes etnias europeias como alemães, poloneses, portugueses, esse identificador geográfico assinala uma diferença na unidade étnica.

Paola vive de uma maneira muito natural esse duplo pertencimento num modo visceral, pois a descendência, no seu entendimento, constitui-se num elemento fundador de sua identidade: “[...] Bom, eu tenho uma relação com Trento forte, eu diria, porque tendo a descendência e essa coisa da italianidade viva dentro da minha família, Trento era um destino natural quase para mim” (CTN, 2012).

Essa sensação de pertencer a uma identidade hifenizada, a uma expressão cultural que se distingue de outros grupos étnicos, mesmo que se esteja falando sempre de brasileiros, teve uma forte presença desde a infância de Paola. Como ela mesma diz, tendo crescido entre “poloneses” e “ucranianos”, sua família era conhecida e identificada como italiana. Seu pai, nas ruas, era chamado de italiano. A rigor, a entrevistada cresce com uma marca muito forte de alteridade, pois sua família era o outro em meio a esses brasileiros de outros grupos étnicos.

Ao mesmo tempo, o período da infância também é marcado pelas viagens para encontrar os avós, tios e primos, no interior de Santa Catarina, agora, sim, em uma zona de imigração italiana. Paola cresce nesse contraste entre “a sua Itália” e o estrangeiro, quando dos retornos ao Paraná. Na sua “*little Italy*”, os parentes falam dialeto vênето, encontram-se para jogar carta e contar histórias, talvez do próprio processo imigratório, fazendo com que

ela experimente uma realidade que se apresenta de maneira muito distinta daquela do Paraná.

A cada viagem, sempre estando no mesmo país (o Brasil), Paola atravessava uma fronteira, não apenas a divisa entre dois Estados, mas étnica, que a informava sobre o que era ser italiano e o que não era. Ao mesmo tempo, a distância e a diferença faziam com que ela cultivasse de um modo particular aquilo que considerava serem as suas raízes. Estando no “estrangeiro”, recebia um impulso a mais para manter a tradição, conservar aquelas suas características tão peculiares. Aliás, como Paola nos informa, “[...] decididamente o dialeto me trouxe a Trento” (CTN, 2012).

Essa busca de manter as características que a entrevistada identifica como vinculadas à italianidade está marcada por duas questões principais, de fundo afetivo e identitário. Conservar as expressões da cultura italiana significa não perder os vínculos com a sua família paterna, com os avós e os tios que moram longe, com quem somente em alguns momentos do ano se pode conviver. Todavia, não deixa de ser, também, o processo de conservação, uma dinâmica comum entre grupos que vivem uma experiência de deslocamento e perda daquela que consideram sua cultura originária, vivendo numa periferia do seu espaço cultural. Esse fator é fortemente perceptível e pode ser exemplificado nos processos de expansão linguística, onde os espaços mais periféricos mantêm com maior força os elementos da língua originária. Nesse sentido, observa-se uma estrutura muito mais presente do latim na língua portuguesa do que na italiana.

Essa sua percepção de italianidade – de pertencimento à cultura da terra de partida de seu antepassado – estará na base de sua decisão de partir para Trento, pois a entrevistada vislumbra na viagem uma possibilidade de mergulhar em sua história familiar ou, como ela repete inúmeras vezes, ver e sentir aquelas coisas que seu tataravô viu e sentiu. Portanto, se os processos identitários são marcados pela memória, a sua representação de identidade é marcada pelas histórias familiares, contadas na intimidade do *focolare*; dessa forma, poder estar em Trento era uma viagem no passado individual-coletivo da família e uma experiência de sensibilidade: “[...] Poxa, se eu fosse pra Itália seria uma forma de eu conhecer esse passado, de que tanto se falava na minha família, e o crescimento pessoal, assim, já na época eu pensava nessa maneira”<sup>63</sup>.

---

63 Idem.



A narrativa produzida por Paola é sempre marcada por um sentimento de fazer parte da realidade trentina, de sentir-se parte de qualquer maneira daquele grupo, pois era a raiz de sua família e, como consequência, também sua raiz. Como já foi mencionado antes, a sua concepção de identidade italiana é atravessada por elementos que a ligam à Província de Trento: as histórias, o dialeto, as sociabilidades; por ser trentina, é italiana.

Os mesmos elementos que embasam a percepção identitária de Paola fazem parte de um discurso mais amplo, fundante de uma imagem de italianidade nas zonas de colonização italiana dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. São os fragmentos dialetais – as remanescências do falar dos primeiros imigrantes – que criam a representação de um vênето ou um trentino continuamente presentes no Sul do Brasil. Somam-se a isso as músicas, os grupos de canto, os encontros, os fazeres que permitem crer num tempo sem rupturas, que conectam os imigrantes do passado e as comunidades que eles criaram a uma terra de partida colocada fora do tempo.

Nesse sentido, a experiência em Trento – na relação com a paisagem – confirma esse pertencimento, pois desde a chegada de Paola, ela se sentia parte daquele lugar. Como o nostálgico, também o entrevistado encontra – nos fragmentos objetivos da realidade vivida – as marcas do seu mundo particular, jamais existido, porque sempre parte de um lugar imaginado, contado e que continua existindo e fazendo sentido na sua reelaboração mental. Portanto, contrariamente ao que acontecia com a maior parte das pessoas, a experiência de estar na cidade – note-se que Trento se localiza num vale circundado por montanhas altíssimas – foi encantadora e não asfixiante:

Então teve muito aspecto positivo, pela geografia aqui de Trento, eu me apaixonei. Muitos não, mas eu, assim, gosto de clima de montanha, gosto do tamanho da cidade, que é pequena.

[...] Me adaptei ao clima, me adaptei à geografia, porque todo mundo diz, as montanhas aqui oprimem, te deixam depressiva (CTN, 2012).

Aquele espaço poderia ser opressor para um estrangeiro, poderia causar uma sensação de sufoco para quem provinha de fora, mas para Paola – que é italiana do Brasil, trentina – essa experiência foi lugar de encantamento, não de depressão. Mesmo não ten-

do vivido fisicamente aquele espaço, as recordações da infância, das narrativas familiares, produziram um efeito *flashback*, pois ela estava deparando-se com imagens que foram construídas em sua mente, nos momentos felizes de encontro com os tios, os avós, os parentes, no interior de Santa Catarina. Para além de uma Trento “real”, ela estava tomando contato com uma cidade afetiva, que existia exclusivamente em sua memória: a leitura das montanhas era um confronto com esses sentimentos, era a confirmação da existência da sua Trento.

Um sinal concreto desse vínculo entre suas experiências de infância e a realidade vivida em Trento, depois de sua chegada em 2010, será marcado pelo *ethos* do trabalho. Contando o acontecido a uma amiga trentina, colega da residência universitária, ela vai relacionar as histórias familiares e a história da amiga. O relato se refere às críticas da trentina ao seu namorado napolitano. Para ela (a amiga), o rapaz deveria se dedicar mais ao futuro, ao trabalho, a economizar, para poder suprir as necessidades futuras; se dependesse dele, a busca seria por um trabalho no qual fosse necessário menos esforço, para ter uma vida mais tranquila.

Nesse espírito de dedicação ao futuro, à economia e ao trabalho, Paola enxergou sua história familiar, pois o sacrifício necessário para conquistar uma vida melhor foi parte das narrativas do avô sobre “como chegamos aqui”. Ou melhor, o sacrifício era a condição *sine qua non* para se conseguir alcançar o sucesso, porque – segundo o discurso imigratório – somente aqueles que trabalharam duramente, deram certo; pelo contrário, aqueles que não deram certo, não se esforçaram o suficiente. Nesse sentido, no diálogo com a amiga trentina ela reconheceu a sua trentinidade, por meio de um modo compartilhado – embora por ela questionado – de valorizar o esforço e a positividade do trabalho.

Nesse contexto, a experiência de Paola é dupla e fica muito clara em sua afirmação: “[...] Me sinto em casa [em Trento], [...] sendo uma imigrante, mas se sentindo em casa. [...] me sinto bem aqui” (CTN, 2012). De fato, a sua experiência na terra de seus antepassados gera nela duas sensações: “[...] faço parte dessa realidade e, ao mesmo tempo, me dou conta de ser brasileira”. Se por um lado o sentimento que ela traz consigo acaba confirmando-se em algumas experiências na Trento “real”, a vivência na Península produz um efeito inesperado, aquele de se descobrir brasileira.

O cotidiano em Trento proporcionou um novo encontro para Paola, com a sua brasilidade, vivido em uma forte relação

de alteridade, tanto em ser percebida como o outro – brasileira – quanto no se perceber como diferente, vindo o modo de ser dos habitantes da cidade. A entrevistada destaca, na sua experiência, o fato de ser reconhecida enquanto brasileira como fator importante nessa nova tomada de consciência. Em um momento positivo economicamente para o Brasil, o reconhecimento funcionava tanto num sentido de “identificar como” quanto naquele de “valorizar”. Portanto, sentir-se brasileira significava ser valorizada na sociedade de acolhida.

Em pari passu, ela se dava conta de alguns contrastes entre o seu “ser brasileiro” e os hábitos locais. Na sua fala, ela cria alguns binômios que permitem perceber o contraste entre a sua percepção de brasilidade e de trentinidade: aberta-reservada, receptiva-fechada, formal-informal. Ela percebe a sua diferença enquanto brasileira porque se encontra nas características que ela associa ao modo de ser dos habitantes do Brasil: um povo aberto, acolhedor e fundado na informalidade das relações.

Nessa dupla identidade ou identidade hifenizada – ao mesmo tempo trentina e brasileira –, Paola encontra uma estratégia positiva para levar adiante, com sucesso, o seu projeto imigratório de “retorno” à terra de seus antepassados. Ela entende a sua condição como um diferencial positivo no contexto da terra de chegada, Trento, porque oferece tanto elementos culturais semelhantes aos dos autóctones quando outros que acrescem suas capacidades. No olhar da entrevistada, ela está vinculada ao território – a província de Trento – por causa da relação familiar (e aqui se percebe novamente esse fio condutor que une passado e presente) e, também, traz consigo características culturais e de sociabilidade que a identificam com o Brasil:

então eu digo ‘poxa isso pode ser um diferencial’ porque eu tenho os dois lados, quer dizer eu tenho uma ligação trentina pelo meu sobrenome, pela história da minha família mesmo que eu não tenha vivido aqui antes ou nascido aqui, eu tenho essa parte que me liga ao território vamos dizer assim, e eu tenho essa questão de essa brasilidade que vai me ajudar (CTN, 2012)

De qualquer forma, e aqui se retorna ao contraste entre o imaginado e o vivido, o seu cotidiano em Trento tem um guia especial, o seu tataravô, pois na experiência sensível da cidade e dos arredores, a memória do antepassado é sempre presente; e

as lentes que permitem ver o real são construídas com o mesmo material dos contos das tardes passadas no interior de Santa Catarina: são delineadas pelo espaço afetivo. Cada lugar com que a entrevistada entra em contato é um espaço potencialmente vivido por seu tataravô; e isso cria uma leitura marcada pela afetividade, por um *déjà vu* de algo jamais visto:

Bom, pra mim teve um efeito completamente diferente. Eu olho as montanhas, eu digo, poxa o meu tataravô viu isso, ele acordava e via isso, porque ele nasceu aqui pertinho, em Matarello, né. Poxa, ele cresceu, poxa será que ele passou por essa igreja, poxa vou ver se esta igreja é de antes ou depois, quando é que ela foi construída. Pra mim tá sendo ainda muita descoberta (CTN, 2012).

Se, por um lado, a experiência imagética e arquitetônica de Paola é marcada pelo encontro, pela descoberta daqueles espaços mnemônicos, por outro, aquele humano acontece em outro ritmo e plano. Ela fala de dois tipos relação que se instauram na sua vivência em Trento, no que tange aos contatos interpessoais: com a burocracia e com os colegas.

No que concerne ao mundo da burocracia, a sua cidadania abriu portas, facilitou processos e agilizou muitas coisas. Como ela se apresentava como brasileira, mas com cidadania italiana, a forma de tratamento melhorava e a documentação necessária para os diferentes procedimentos descomplicava:

no sentido burocrático foi decisivo, positivamente decisivo, no sentido que eu chegava nas repartições me apresentava como ‘olha eu sou brasileira, mas eu tenho cidadania italiana’, [...] acabava acontecendo de perguntar ‘mas você tem a cidadania italiana, não, porque aí você vai ter esse tipo de documento não aquele e tal’, fui recebida... bem tratada... recebida (CTN, 2012).

No entanto, o espaço universitário – entendido como relacionamento com os colegas – apresentou-se de maneira diferente; e o fato de ela possuir a cidadania italiana não significava necessariamente uma abertura de portas ou uma aceitação tácita, sobretudo se pensarmos no modo brasileiro de relacionamento (mais aberto, acolhedor, como Paola o definiu). Como relata a entrevistada, havia uma resistência que ela teve que romper pouco a pouco, com muita paciência. Nesse sentido, ela utiliza a metáfora

do gelo, mas não é suficiente a expressão “quebrar o gelo”, pois o processo foi mais difícil; ela teve de esperar o gelo derreter completamente, apresentando o quão lento estava sendo o processo de integração. No entanto, mesmo o derretimento do gelo não lhe permitia efetivamente sentir-se inserida no grupo; isso representava um talvez, uma janela que se abria para a possibilidade de interagir – perguntar, conversar, começar novamente.

No cotidiano da Universidade, a trentina-brasileira era mais percebida pelo seu lado latino-americano, como o outro, o estrangeiro; e isso fazia com que ela fosse de fora, sendo que a cidadania não ajudava na mudança dessa percepção. Mas Paola não se resignava e – como ela fala – foi trabalhando devagarzinho para mostrar que era um outro não perigoso para o grupo:

Nas relações na universidade talvez com os meus colegas isso não tenha feito tanta diferença, eh... o fato de eu ser descendente de trentino ou ter a cidadania, eh... ali eu tive que trabalhar, eu, como pessoa, tive que trabalhar mais no sentido de não só quebrar o gelo, mas de esperar o gelo derreter todo [risos], e aí, talvez (...) começar de novo, insistir, conversar, perguntar, eh... acho que foi... nessa relação da universidade foi mais por minha conta mesmo de... de tentar dizer ‘olha eu sou diferente, mas eu não mordo’ [risos].

Ao fim e ao cabo, a experiência de Paola na Península Itálica é caracterizada pela entrada num entrelugar identitário, no qual estão presentes características de brasilidade, de italianidade, mas – sobretudo – de ítalo-brasilidades. Na sua estada em Trento – a qual ela espera que seja definitiva –, a entrevistada se dá conta de que o mundo que ela buscava não se encontra ali em sua totalidade, que o trentino que ela imaginava, para além de sua memória, é uma realidade da zona de imigração do Sul do Brasil. Ela pensava que iria encontrar os homens e as mulheres de sua infância; talvez, seus tataravôs paternos, com amigos e parentes, como ela via na zona de imigração italiana, em Santa Catarina, quando se reuniam para jogar carta e contar histórias sobre o processo migratório:

Eu também era muito ingênua na época, pensando assim que eu ia encontrar pessoas aqui como toda a humildade camponesa que a gente via dos descendentes no Brasil. De você ver o agricultor, que tem a casinha lá, que tá com o fogão a lenha, que é receptivo, que, ao

mesmo tempo é tão humildade, que te diz, olha eu plantei toda essa uva aqui, mas eu não sei nada de agricultura (CTN, 2012).

No entanto, a imigrante-descendente se deparou com outra região, a qual não era nem confirmação nem negação de suas imagens, como ela disse, “[...] um lugar onde sou imigrante, mas – ao mesmo tempo – me sinto em casa”. Entende-se que essa situação “entre” seja uma das possíveis características dessa tipologia de imigração – de descendentes, criados num vínculo linguístico-cultural com a terra dos antepassados, no interior das zonas de imigração italiana no Sul do Brasil. Não se quer dizer que todos os processos de “retorno” são caracterizados efetivamente pela busca de uma origem familiar, nem que esse seja o interesse em todas essas dinâmicas de deslocamento, pois se entende que essas realidades são plurais; no entanto, vislumbram-se nas percepções e imagens de Paola alguns elementos que a conectam com um conjunto de descendentes de italianos, nascidos no Sul do Brasil, que hoje vivem na Península Itálica.

## REFERÊNCIAS

BENEDUZI, Luis Fernando. *Os fios da nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CAPPELLIN, Paola; PACE, Vincenzo; GIULIANI, Gian Mario; BRANDALISE, Carla. *Entre memória e mercado: famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

CTN. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2012, em Trento (TN). Arquivo Pessoal do Pesquisador.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. *La doppia assenza*. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2002.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.